

"Globalismo"



“Globalismo”

***H**oje escutamos que a marcha do globalismo é irreversível [...] Nós vamos lutar para reverter o globalismo [...]. Nós queremos levar a toda parte o grito sagrado à liberdade [...]. Esse foi o primeiro grito de guerra do ocidente em seu nascimento na Batalha de Salamina.*

O excerto acima é parte de um discurso de Ernesto Araújo em sua cerimônia de posse como Ministro das Relações Exteriores em janeiro de 2019. Indicado por Jair Bolsonaro, Araújo falou também sobre a necessidade de resgatar o sentimento patriótico brasileiro (conferir verbete “Patriotismo”), para lutar contra o avanço do que ele chamou de “globalismo”. Essa palavra ganhou notoriedade alguns anos antes, graças a um discurso proferido por Donald Trump, então presidente dos Estados Unidos, que disse rejeitar a “ideologia do globalismo” e abraçar a “doutrina do patriotismo”.

Como se pode perceber, esse “globalismo” é articulado em oposição a ocidente, “patriotismo” e “liberdade” (conferir verbete). As falas mencionadas acima, de Araújo e de Trump, sugerem um certo consenso sobre o “globalismo”, bem como um alinhamento “antiglobalista” dos governos Trump e Bolsonaro (do qual Araújo participava). Entretanto, as coisas não são tão simples, e este verbete sintetiza as principais abordagens da hipótese do “globalismo”; analisa suas conexões com governos, ideólogos e movimentos políticos em diferentes países e sua relação com questões contemporâneas, com especial atenção ao contexto brasileiro.

Vamos começar pela diferença entre o “globalismo” e um outro termo mais conhecido: globalização.

O QUE É GLOBALIZAÇÃO?

Em 1991, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) chegou ao fim, e seus ex-membros foram integrados à nova ordem neoliberal global. Consolidou-se a globalização: uma integração via mercados. Os governos abrem seus mercados para a concorrência internacional, o que, em tese, favoreceria todas as nações. São estimulados acordos de livre comércio e a formação de blocos econômicos, como caminhos necessários para o desenvolvimento. Seguindo o longo caminho empreendido para a criação da União Europeia que, então, viria a acolher ex-membros da extinta URSS, ganhando mais força, surgem outros blocos, dentre os quais, o Mercado Comum do Sul (Mercosul), formado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Economias asiáticas também se fortaleceram; principalmente a China, que se tornou o maior parceiro comercial de muitos países, inclusive do Brasil, e é governada pelo Partido Comunista Chinês.

“Globalismo”

A globalização é, portanto, resultado do fim do bloco socialista e da ascensão do neoliberalismo, tanto que esses acordos de livre comércio eram alvo de críticas da esquerda política. Exemplo notório foi a luta contra a implantação da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), que integraria os mercados dos países das Américas, eliminando tarifas e impostos de importação.

A inserção dos países nessa chamada ordem econômica global produziu efeitos internos importantes, como a desindustrialização. Europa e Estados Unidos tiveram suas plantas industriais transferidas, principalmente para a China. Setores econômicos foram privatizados, e legislações previdenciárias e trabalhistas foram modificadas, dificultando aposentadorias e auxílios. Muitas sociedades vivem até hoje o crescimento da desigualdade e a dificuldade de inserção em um mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Essa ordem global foi antecedida pela criação de organizações internacionais no pós-guerra, que visavam aumentar a cooperação entre os países para reduzir as chances de novas guerras. Nesse contexto, criou-se a Organização das Nações Unidas (ONU), que vem, desde então, estabelecendo metas relacionadas à crise climática, à educação e à promoção dos direitos humanos. A ONU, como veremos, está no centro da discussão do “globalismo”, que, segundo aqueles que defendem essa noção, vem erodindo a autonomia das Nações.

O “GLOBALISMO”: ATORES, OBJETIVOS E TÁTICAS

Em seu primeiro discurso na ONU, Jair Bolsonaro disse: “Não estamos aqui para apagar nacionalidades e soberanias em nome de um interesse global abstrato. Esta não é a organização do interesse global, é a Organização das Nações Unidas”. Seu discurso demonstra uma preocupação com uma suposta sobreposição de um “interesse global” sobre as soberanias e identidades nacionais. Nessa visão, a ONU é vista como um órgão que, para assegurar a governança global, reduz as soberanias dos Estados-Nacionais. Olavo de Carvalho, no canal do YouTube *Brasil Paralelo*, chegou a afirmar que quase toda lei votada no congresso brasileiro vem pronta de “centrais globalistas”, como a ONU, ou de “grandes fundações que promovem esta onda globalista”.

Cabe aqui uma explicação sobre a relação entre esses atores. Ernesto Araújo, ministro das Relações Exteriores do governo Jair Bolsonaro até março de 2021, foi indicado por Olavo de Carvalho, referência intelectual da chamada nova direita brasileira. O próprio Ernesto afirma que Olavo o ajudou a compreender o “globalismo”. O professor Benjamin Teitelbaum elenca Olavo como um dos principais críticos

“Globalismo”

desse fenômeno, junto ao americano Steve Bannon e ao russo Aleksandr Dugin, sobre os quais falaremos mais à frente.

Ernesto Araújo vê o “globalismo” como um projeto de governo totalitário mundial, capitaneado pela China e com o apoio da Rússia. Para ele, há um conluio entre as elites financeiras e políticas ocidentais e o Partido Comunista da China para a implantação de uma sociedade de controle. Nela, os comunistas controlariam as mentes das pessoas através da mídia, da comunicação, da educação etc. Ernesto afirma que a China controla metade do parlamento brasileiro e toda a nossa agricultura, e quer agora controlar nossa Internet. Não à toa, o ex-ministro ataca abertamente o que chama de “tecnototalitarismo”, o suposto controle da internet atendendo a objetivos econômicos e ideológicos.

Ernesto vê o Foro de São Paulo (organização de partidos de esquerda latinoamericanos) como a sucursal “globalista” da América Latina. Para ele, partidos de esquerda latinoamericanos, como o Partido dos Trabalhadores (PT), interferem nas eleições de outros países com apoio e financiamento do que chama de “polinômio do crime”: narcotráfico-corrupção-terrorismo-socialismo.

Ernesto e Olavo compartilham das ideias de Steve Bannon, assessor e estrategista de Donald Trump. Olavo argumenta que o povo dos EUA é a principal vítima do “globalismo”, já que as elites financeiras estão associadas ao projeto de dominação da China. Bannon e Olavo consideram os EUA um povo com uma história e tradições anteriores aos processos de globalização e modernização liderados pelos próprios EUA. Para Bannon, o “verdadeiro” povo americano luta contra essa modernidade liberal (ou simplesmente liberalismo), e essa luta é o que impulsiona o movimento pró-Trump.

Segundo Olavo, o Brasil deveria redirecionar sua política internacional, priorizando as raízes espirituais que o situam no ocidente judaico cristão. Por sua vez, Bannon acha que o mundo vive uma batalha profunda entre espiritualismo e materialismo. A China lideraria o campo materialista corroendo as raízes judaico-cristãs do ocidente. Bannon também argumenta que a Rússia tem raízes judaico-cristãs, dada a importância da Igreja Ortodoxa na sua cultura. Ou seja, para ele os povos russo e estadunidense deveriam liderar a luta “antiglobalista” contra a China e seu propósito de corroer as tradições e a identidade do ocidente, que seria baseada na religiosidade cristã, no nacionalismo e na família nuclear.

A Rússia, porém, tem seu próprio pensador “antiglobalista”: Aleksandr Dugin, que defende um mundo de distintas civilizações, em oposição à mistura e ao

“Globalismo”

multiculturalismo. Para Dugin, a luta é entre espiritualidade e antiespiritualidade. Assim, a luta “antiglobalista” seria em oposição aos EUA, uma nação de imigrantes - epicentro, portanto, do multiculturalismo, e grande bastião do liberalismo e do secularismo internacionais. Ele vê o mundo dividido entre ocidente - liberal, secular, multicultural, decadente - e oriente - espiritual, conservador, tradicional. Isso coloca China e Rússia no oriente e os EUA no ocidente “globalista”.

As ideias de Dugin são interpretadas de formas contraditórias no Brasil. Ernesto Araújo compreende que seu pensamento legitimaria o projeto “globalista” chinês na direita brasileira, dando-lhe uma aparência de respeitabilidade. Mas Dugin é também uma referência para a Nova Resistência (NR), cujos líderes se filiaram ao Partido Democrático Trabalhista, historicamente atrelado a Leonel Brizola. Ou seja, Dugin exerce influência intelectual sobre um certo campo da esquerda (ainda que a NR não se identifique como tal). A NR defende o Trabalhismo de Vargas e Brizola e o Tradicionalismo contra as forças “globalistas” que querem impor “alterações bizarras nos costumes e tradições”.

E que alterações bizarras seriam essas? Voltemos ao seu discurso de posse: “para destruir a humanidade, é preciso acabar com as nações e afastar o homem de deus [...]. Aqueles que dizem que não existem homens e mulheres são os mesmos [...] que propagam que o feto humano é um amontoado de células descartável”. Para ele, as “pautas identitárias” (conferir verbete “Identitarismo”), especificamente lutas LGBT+ e feminista, são táticas “globalistas” que buscam destruir valores nacionais e ocidentais com uniões homoafetivas e direito ao aborto. Já a questão ambiental (“o climatismo”) seria uma tática para subverter a soberania dos países sobre seus recursos naturais. Dessa forma, denúncias de queimadas na Amazônia não seriam preocupações reais com o meio ambiente, mas sim estratégias da chamada Ordem Global para interferir e diminuir o poder de cada nação. Além disso, as nações também estariam ameaçadas pelo “imigracionismo” irrestrito, que geraria misturas étnico-raciais, apagando as diferenças entre as Nações.

E, para eles, como reverter o “globalismo”? Ernesto elenca três elementos “antiglobalistas”: deus, pátria e família. A espiritualidade cristã caracterizaria o ocidente e diferenciaria as nações ocidentais do materialismo asiático e do islamismo. Não à toa, a ultradireita usa politicamente citações bíblicas e defende um estado cristão em oposição a um estado laico. A família (conferir verbete) é vista como a célula basilar da nação, característica fundamental do povo brasileiro, hoje “atacada” por “ideologia de gênero” (conferir verbete), “gayzismo” e “abortismo”.

“Globalismo”

Por fim, a retomada do nacionalismo seria crucial para confrontar o projeto homogeneizador “globalista”. Ernesto recorre frequentemente a eventos históricos, homens e símbolos que representariam a identidade brasileira. Faz menções a D. Pedro I, D. Sebastião e até D. Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal. Sua visão de Brasil supõe uma continuidade com o Império Português, ilustrada pela bandeira da Ordem de Cristo sempre à mostra em suas *lives*. Esta bandeira foi hasteada em solo brasileiro no desembarque dos portugueses na atual Porto Seguro. Essa suposta continuidade pretende propagar a imagem do Brasil como nação do ocidente e, portanto, também responsável por defendê-lo dos “ataques globalistas chineses”. Daí vem a citação da batalha de Salamina, entre gregos (ocidentais) e turcos (orientais), no seu discurso de posse como ministro.

Essa visão é distópica e reduz uma realidade geopolítica complexa a um confronto maniqueísta entre os bons e os maus. As demandas por direitos reprodutivos e direitos de pessoas LGBTQ+ são resultado de lutas históricas pela ampliação dos direitos humanos. O discurso “antiglobalista” transforma reflexões complexas sobre gênero e sexualidade em uma conspiração global e cria inimigos internos a ser combatidos: feministas (conferir verbete “Feminismo”) e pessoas LGBTQ+. Sua aversão à ampliação de direitos humanos visa manter privilégios, mascarados em defesa da família. Reducionistas e simplistas, as hipóteses da luta “antiglobalista” são elaboradas com base em argumentos seletivos. Elas escondem e distorcem elementos fundamentais para compreender a história e a realidade geopolítica contemporânea.

O “GLOBALISMO” É MESMO REAL?

A globalização econômica, tão celebrada por defensoras e defensores da liberdade de mercado, aumentou as desigualdades dentro de cada país e também entre países. Ao mesmo tempo, o sistema das Nações Unidas avançou nos debates sobre ampliação de direitos humanos. No entanto, o discurso “antiglobalista” não critica essa crescente desigualdade, mas ataca os direitos humanos, sobretudo os direitos das minorias. Ou seja, explica a exclusão como resultado de uma conspiração global e não como efeito do capitalismo neoliberal globalizado.

Há também interesses econômicos em jogo. Por exemplo, Donald Trump afirmou que os EUA continuariam utilizando “carvão limpo”, em alusão às metas de redução da emissão de carbono. Segundo ele, a ONU quer enfraquecer a soberania dos EUA; um argumento que oculta os interesses dos empresários estadunidenses, donos de minas e usinas de carvão.

“Globalismo”

Para Dugin (russo), os Estados Unidos são o protagonista principal do “globalismo”, sendo China e Rússia seus contrapontos. Já para Ernesto, Olavo e Bannon, o “globalismo” é liderado pela China, contra o ocidente, principalmente os EUA. Essas discordâncias refletem que o conceito de “globalismo” está em disputa, e refletem os interesses dos diferentes pensadores e atores políticos aos quais estão ligados.

Nos EUA, Trump se utilizava do discurso “antiglobalista” para atacar as “elites liberais”, associadas ao partido democrata estadunidense. No Brasil, Bolsonaro denunciava a “conspiração comunista” da qual participaria o PT, assimilando a visão “antiglobalista” ao discurso anticomunista. O conceito de “globalismo” é, portanto, vazio e produz fantasmas de dominação e destruição, que incitam e manipulam medos e ódios.

Vale lembrar que incitar e manipular medos e ódios é um traço importante do fascismo, que também recorria ao patriotismo. “Deus, Pátria e Família” foi o lema tanto da Ação Integralista Brasileira quanto do Estado Novo salazarista em Portugal. Resgatar o mito do império português, como faz Ernesto Araújo, evoca o salazarismo e apaga o escravismo inerente ao projeto colonial português.

Ou seja, o racismo não é uma questão menor ou lateral da visão “antiglobalista”, mesmo que isso nem sempre apareça explicitamente. Tanto a Batalha de Salamina quanto a Guerra de Reconquista, que abriu o caminho para o surgimento do reino de Portugal, foram conflitos entre brancos europeus e mouros islâmicos. Hoje, o discurso anti-China ganha contornos xenófobos, e o discurso anti-imigração se aproxima perigosamente da ideologia racial da Alemanha nazista. E se parece que o antissemitismo não está presente, vamos relembrar um episódio de novembro de 2017. Em São Paulo, uma efígie de Judith Butler, filósofa feminista, judia, acusada pelos “antiglobalistas” de “ideóloga do gênero”, foi queimada como bruxa em um protesto da ultradireita em São Paulo. Assim, ainda que o discurso “globalista” seja questionável, ele tem efeitos políticos concretos.

“Globalismo”

PARA SABER MAIS

Caleiro, J. P. (15 nov. 2018). *As opiniões polêmicas do novo chanceler sobre raça, fake news e 8 temas*. Exame. Acessível em <https://exame.com/brasil/as-opinioes-polemicas-do-novo-chanceler-sobre-raca-fake-news-e-8-temas/>

Lopes, R. (14 jan. 2019). *O que, afinal, é "globalismo", termo usado com frequência pelo governo Bolsonaro?*. GZH Mundo. Acessível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2019/01/o-que-afinal-e-globalismo-termo-usado-com-frequencia-pelo-governo-bolsonaro-cjqs1i98g00hd01ukmxm6woks.html>

Stanley, J. (2018). *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. L&PM.

Teitelbaum, B. (2020). *Guerra Pela Eternidade: o Retorno do Tradicionalismo e a Ascensão da Direita Populista*. Editora Unicamp.

UOL Notícias (14 nov. 2018). *Anti-PT, contra o 'globalismo' e autor de ficção: o que pensa o futuro chefe do Itamaraty*. Acessível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/11/14/anti-pt-contra-o-globalismo-e-autor-de-ficcao-o-que-pensa-o-futuro-chefe-do-mre.htm>.

Zulian, C. (14 fev. 2019). *La ultraderecha lee a Gramsci* (A extrema-direita lê Gramsci). Público. Acessível em <https://blogs.publico.es/dominiopublico/27830/la-ultraderecha-lee-a-gramsci/>